MIROSLAV MILOVIC POR VIR

Rose Dayanne[1]

"Agora e sempre. E pelos séculos dos séculos..."

INTRODUÇÃO

"Sempre ainda por vir, sempre já passado, sempre presente num começo tão abrupto que nos corta a respiração e, no entanto, abrindo-se como a volta e o reconhecimento eterno" (BLANCHOT, 2011, p. 13). A hipótese deste ensaio é que Miroslav Milovic está vivo.

Para comprovar esta afirmação pretendo desenvolver a ideia da função-autor mencionada por Foucault na Conferência "O que é um Autor?" A pergunta condutora deste ensaio é saber, então, quem é Miroslav Milovic? "Quem é esse 'Eu' incansável, que aparentemente diz sempre a mesma coisa? Aonde ele quer chegar? O que espera esse autor que, afinal, deve estar em algum lugar? O que esperamos nós que o lemos?" (BLACHOT, 2011, p. 308).

Com o propósito de compreender a extensão filosófica do conceito de autor é necessário ir-além da narrativa sobre Miro-companheiro e Miro-filho de Draga e Veljko Milovic para dar ênfase à especificidade de Miro-autor. Neste ensaio, portanto, pretendo evidenciar não as memórias pessoais, mas a importância dos escritos de Miroslav Milovic, a fim de analisar este nome próprio, essa assinatura grifada nas obras e textos do filósofo.

O objetivo principal é demonstrar que este nome não indica apenas a singularidade de um ser, belo e único, mas caracteriza, sobretudo, o estilo de escrita, o *corpus* do autor, conforme anuncia Derrida. Assim, deve ser compreendido o projeto "Direito como potência" desenvolvido por Miroslav Milovic na Universidade de Brasília. Esse projeto não é uma pesquisa acadêmica abstrata, mas uma forma de compartilhar vivências, uma maneira de praticar a filosofia como modo de existência.

[1] Doutora em Direito na Università degli Studi di Roma Tor Vergata. Graduanda em Filosofia na UFPR. Desenvolve o projeto de pesquisa "Justiça no corpus: o legado de Miroslav Milovic". Email: rose.milovic@gmail.com

Nesse sentido, a filosofia de Miroslav Milovic é nômade, de um lugar sem lugar, uma filosofia que não busca o padrão ou sequer uma identidade, mas a afirmação da diferença. Miroslav é um filósofo que não vai em direção ao centro, pois "investiga a relação entre direito e ontologia às margens" (MILOVIC, 2019, p. 365). O cerne do seu projeto de pesquisa é o diálogo, uma abertura ao infinito, guiada pela leitura de vários filósofos e pelo cultivo na participação de novos interlocutores neste movimento sem fim. Desse modo, a força do projeto está no encontro autor-leitor que a escrita é capaz de promover.

De maneira aparente, parece um projeto interrompido, em virtude da não realização da sétima parte do curso "Direito de ter direitos" sobre Hannah Arendt programado para o semestre de 2020.2. No entanto, essa é uma visão parcial sobre os fatos. É preciso recordar que os fluxos não se interrompem, a filosofia de Miroslav Milovic não tem fim, pois não acredita na finitude, muito menos na certeza cartesiana. A potência do seu pensamento se nutre do vazio[2], da impossibilidade[3] e do talvez[4]. É uma filosofia que adota como referência a imagem deleuziana do corpo sem órgãos e da hospitalidade infinita daquele que nunca pode chegar. Miroslav Milovic, mesmo ausente, "quando se cala, continua falando, quando cessa, persevera, não silenciosamente, pois nele o silêncio se fala eternamente" (BLACHOT, 2011, p. 308).

O projeto "Direito como potência" é uma ponte sobre a história da filosofia que une Miroslav Milovic à tradição antiga, cristã, moderna e contemporânea. Agora mais do que nunca é também a ponte que nos liga a ele, ao seu pensamento, para sempre. Nessa multiplicidade de interlocução, realizo breves apontamentos sobre o significado da escrita em Foucault, Derrida e Nietzsche para demarcar a importância dos textos de Miroslav Milovic.

Com isso, pretendo apresentar duas potenciais conclusões: primeiro, os escritos de Miroslav constituem o *corpus* vivo de sua filosofia. Segundo, o leitor integra o projeto "Direito como potência" através de um chamamento. Logo, depende

---

[2]MILOVIC, Miroslav. **A impossibilidade da democracia**. XIV Congresso Nacional do Conpedi: Disponível:http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/XIVCongresso/106.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

[3]MILOVIC, Miroslav. ***Ontologia dos monstros*** – Antonio Negri e as questões sobre a política e imanência. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55727/59143. Acesso em: 11 de 2021.

[4] MILOVIC, Miroslav. **Política do messianismo**: algumas reflexões sobre Agamben e Derrida. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/82986/86034. Acesso em 11 dez 2021.

dos leitores a continuidade do projeto e a permanência de Miroslav Milovic no mundo.

Segundo o filósofo Émile Brehier, muitas filosofias da antiguidade desapareceram no decorrer do tempo, fato é que "se chegaram até nós somente as obras de Platão e Aristóteles, diz o filósofo, a razão não está na sua grandeza, mas na falta de leitores" (BREHIER, 2012, p.3). Desse modo, é preciso cultivar leitores, pois o filósofo que não é lido é esquecido.

Nos escritos de Miroslav, o tema da alteridade[5] é uma marca constante. Esse outro que não tem rosto, nem nacionalidade, está sempre presente no texto. Agora é justamente esse estrangeiro-leitor que tem a responsabilidade por fazer circular as obras de Miroslav Milovic no mundo.

Dedico, portanto, este texto aos leitores de Miro, a esse outro do qual depende toda uma filosofia de vida, esse desconhecido cuja vocação é cultivar o por vir. Como escreve Miroslav: esse "é o recado da revolução permanente. Não existe a revolução que acabou" (MILOVIC, 2017).

1. MIROSLAV MILOVIC *POR* FOUCAULT: A ARTE DA ESCRITA

Para Foucault, "escrever é, portanto, 'se mostrar', se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro" (FOUCAULT, 2001, p.156). O texto, antes de tudo, atesta um acontecimento, a vida de quem o escreveu, cria laços entre o si e o outro, entre o autor e o leitor. Quem escreve, por conseguinte, se eterniza no mundo. Mesmo sem destinatário específico, um escrito tem a potência de afetar, incorporar e transformar muitos outros. Inclusive, de romper o abismo das distâncias.

O estilo de escrita de Miro é único e belo, assim como seu ser. Ninguém como ele conseguiu articular vários filósofos ao mesmo tempo, com a devida profundidade teórica, para elaboração de uma reflexão filosófica. Miro se utiliza de diálogos indiretos com os filósofos para escrever com Aristóteles, Agostinho, Marx e Deleuze. Para ele, o ato de pensar não é fragmentado pelas divisões da história da filosofia. Os temas importantes persistem no tempo. O que é a política? O que é o

[5] "A situação é quase contraditória. O Outro pode, por um lado, negar a nossa soberania. E, por outro lado, só com essa soberania aparece a possibilidade da hospitalidade incondicional. A abertura para o Outro aparece como um projeto complicado, quase impossível. E assim também a democracia, que Derrida liga à alteridade que não pode ser reduzida (irréductible)" (MILOVIC, 2009, p.114).

mal? O que é a felicidade? Com Miro, aprendemos que "para agir precisamos saber o que é o mundo, o logos dele. Precisamos entender o que é a própria natureza para poder nos entender" (MILOVIC, 2014).

Miroslav é um escritor de frases diretas, próximo ao estilo aforístico, em seus textos estão presentes as marcas da oralidade estrangeira e o gestual que lhe é próprio. Não há um texto que prepondere uma visão melancólica da vida. Sua filosofia é vivaz. O conceito de reinvenção aparece de modo frequente em seus textos. Talvez, porque ele mesmo teve que se reinventar em vários momentos da vida. Nessa perspectiva, sua filosofia pode ser lida como um modo de resistência. Pelo ato da escrita, Miro pôde dizer tudo e dizê-lo de todas as maneiras. Tudo estava à disposição. Tudo não é muito? Para Miro, tudo é finalmente muito pouco, mas escrever o tornou o "mestre do infinito" (BLACHOT, 2005, p. 300). O ponto final de cada texto de Miroslav Milovic não é o fim.

Esse traço comum entre a vida e a escrita de Miroslav dificulta uma leitura imanente[6] de seus textos, pois a linha que separa sua obra e sua vida é muito tênue, quiçá inexistente. Na conferência publicada em 1979, nos Estados Unidos, Foucault refuta a noção de unidade da obra a partir da perspectiva filosófica do desaparecimento do autor. Segundo Foucault, diante da ausência do autor não se trata de reconstituir a lógica interna do texto, mas "localizar o espaço assim deixado vago pela desaparição do autor, seguir atentamente a repartição das lacunas e das falhas e espreitar os locais, as funções livres que essa desaparição faz aparecer" (FOUCAULT, 2001, p. 271).

Nessa linha de argumentação, Foucault critica a recepção exegética da obra dos filósofos e o modo de leitura estrutural que reduz o autor à arquitetônica do texto. Na prática, Foucault aplica sua teoria. Ele é um dos responsáveis por recepcionar de forma singular os textos de Nietzsche na França. Na "Microfísica do poder", Foucault afirma: "os autores que gosto, eu os utilizo. [...] um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar. Que os comentadores digam se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse" (FOUCAULT, 1981, p.143).

Miroslav parece compartilhar esse ponto de vista de Foucault. O bom leitor é aquele que vai além do escrito, aquele que não tem a pretensão de ser comentador

[6] Cf. GOLDSCHIMDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: GOLDSCHIMDT, V. **A religião de Platão**. São Paulo: Difel, 1970.

ou discípulo de uma tradição filosófica. Para Miroslav, pensar é um modo de ser livre. Viver para ser discípulo de alguém é muito pouco. Esse posicionamento não inviabiliza a abertura ao diálogo, pelo contrário, potencializa. No projeto "Direito como Potência", Miroslav dialoga com vários filósofos. Com Foucault, a partir da noção ética do cuidado de si.

Dessa interlocução, o resultado foi a escrita do texto "Direito ao Corpo", título altamente sugestivo, sobretudo, no contexto em que foi publicado. Segundo Miroslav, "a leitura que Foucault está fazendo sobre os gregos é diferente. Não é nietzschiana" (MILOVIC, 2021). Nesse breve fragmento é possível observar duas características dos escritos de Miroslav: primeiro, o modo ousado como ele lê os filósofos, fazendo conexões e confrontando um filósofo com o outro a partir do problema de pesquisa. Segundo, o espaço em aberto deixado para a reflexão do leitor. Por que a leitura de Foucault não é nietzscheana? Essa pergunta está implícita no texto, em aberto, a cargo do leitor. Miroslav não responde. Portanto, o leitor é chamado para pensar junto com o autor. Nisso consiste a arte da filosofia, provocar a reflexão.

Miroslav é um excelente escritor e exímio leitor. A arte da sua escrita está associada também à outra habilidade muito perceptível para quem o conheceu: a escuta. A capacidade de ouvir os outros é, certamente, um dom de Miroslav Milovic. A escuta revela sua grandeza como filósofo e sua proximidade à psicanálise. Seguindo a metáfora do ouvido-labirinto e as implicações na produção da escrita, realizo alguns apontamentos a partir de Derrida.

2. MIROSLAV MILOVIC *COM* DERRIDA: A ESCUTA COMO ARTE

De acordo com Derrida, "uma nova problemática do biográfico em geral, da biografia dos filósofos em particular, deve mobilizar outros recursos, e ao menos uma nova análise do nome próprio e da assinatura" (DERRIDA, 2021, p. 25). A potência de um escrito, a *dynamis* do texto, perpassa a linha invisível dos dois corpos do filósofo: a obra (*corpus)* e a vida (corpo). Com isso, Derrida indica que a assinatura liga o nome próprio ao infinito. "Nietzsche morreu, como sempre, *antes* de seu nome" (DERRIDA, 2021, p. 59). A obra do filósofo não desaparece. O autor permanece, portanto, na contingência das leituras que serão feitas acerca do seu *corpus.*

"Essa tarefa continua posta para nós, e a leitura política do corpo ou do *corpus* nietzschiano [...] do corpus heideggeriano, ou marxiano, ou freudiano" (DERRIDA, 2021, p.62). Neste ensaio, gostaria de despertar a atenção dos leitores para o *corpus* miroslaviano.

No projeto "Direito como potência", Miroslav dialoga com Derrida. O título do curso ministrado em 2020.1 foi "Direito como justiça" o objetivo era realizar uma critica radical à metafísica. A marca da genialidade de Miroslav Milovic aparece também no ato de nomear os escritos e provém de um humor que lhe é próprio. Desse modo, é de suma importância ficar atento aos títulos dos textos e das ementas dos cursos de Miro.

Observem que no curso sobre Derrida, anunciado como a sexta parte do projeto "Direito como potência", Miroslav intitula o curso "Direito como Justiça". Entretanto todo leitor de "Força de Lei" sabe que justiça e direito são conceitos distintos para Derrida[7]. Nesse sentido, o título do curso contém a marca da autenticidade e um compromisso, embora o curso seja sobre Derrida, Miroslav Milovic pretende ir além de Derrida. Tudo tem um propósito nos escritos de Miroslav, até o uso das aspas[8]. Desse modo, é justamente pela impossibilidade do direito ser a justiça que Miro se interessa pela questão. Ir além.

O filósofo Miroslav Milovic busca o impossível, porque o possível todo mundo pode fazer. Talvez, essa é uma das maneiras de ler o título do curso "Direito como Justiça"[9], dentre outras leituras igualmente possíveis. O diálogo com Derrida resultou na escrita do texto emblemático "Pandemia como história". Nesse texto, os dilemas do ato da escrita aparecem. Segundo Miroslav, "a linguagem cria as condições para algo ser lembrado. Ela está no lugar das coisas ausentes. Ela cria as condições da significação de algo. Essa mediação pela linguagem, pelo outro da consciência, Derrida, chama iterabilidade" (MILOVIC, 2020, p. 8).

---

[7] "O direito não é justiça. O direito é um elemento de cálculo e é justo que existe o direito, mas a justiça é o incalculável, ele requer que nós calculemos o incalculável; e as experiências aporéticas são experiências, tão improváveis quanto necessárias da justiça, isto quer dizer, de momentos em que a decisão entre o justo e o injusto não é jamais assegurada por uma regra" (DERRIDA, 2010, p.30).

[8] No texto *Na "casa" de Levinas*, Miroslav explica ao leitor porque utilizou aspas na palavra casa. Afirma: "no título deste capítulo coloquei 'casa' entre aspas. Não se trata de um espaço, um espaço real, porque o espaço remete à metafísica da presença" (MILOVIC, 2004, p.120).

[9] "A justiça será, deste ponto de vista, a experiência daquilo que nós não podemos experimentar. Eu acredito que não exista justiça sem esta experiência, tão impossível quanto ela seja, de uma aporia. A justiça é a experiência do impossível. Uma vontade, um desejo, uma exigência de justiça cuja estrutura não seja a experiência de uma aporia não terá a chance de ser o que ela é, notadamente, um chamado por justiça" (DERRIDA, 2010, p. 30).

No texto original “Pandemia como História”, Miroslav grifa o conceito iterabilidade e de forma manuscrita acrescenta a nota “cf. Políticas da Amizade, 244”. Com Derrida, a linguagem ganha novas dimensões, inclusive, políticas. Por isso, no projeto “Direito como potência”, há um estreitamento no diálogo com Derrida. A política, o social, é o espectro da filosofia de Miroslav Milovic. Para Miroslav: “a política faz a diferença, a política cria a ontologia, a possibilidade do Novo” (MILOVIC, 2006).

Na obra “Otobiografias”, Derrida desperta o leitor para a necessidade de *ouvir* o texto do filósofo. “Essa escuta, ou este ouvido – oto – problematiza a comunicação como mera transmissão de sentido, rasurando os limites que separam o “eu” e o “outro”, o “autor” e o “leitor” etc., e fazendo com que o sentido se enrede em um labirinto – o do ouvido” (DERRIDA, 2021, p. 22-23).

Os leitores de Miroslav podem se engajar na arte da escuta para auscultar escritos dele. Certamente, gostaríamos de estar na companhia física de Miroslav Milovic e ouvi-lo face a face, mas ele, com ironia, responderia que “a presença, aprendemos da História, é só outra palavra para a metafísica da nossa vida” (MILOVIC, 2009, p. 114). Então, estejamos juntos a Miro na impossibilidade, no talvez e no vazio que tudo constitui. Afinal, ele continua entre-nós.

Os textos de Miroslav são o *corpus* vivo de sua filosofia e tem a potência de ressignificar o conceito de arquivo. *Arkhê* significa também começo. O arquivo de Miroslav Milovic não é o acúmulo do passado, mas o começo de uma memória coletiva por vir. Um “recomeço”, talvez.

3. *EM* MIROSLAV MILOVIC, NIETZSCHE: A ARTE DE LER NUANCES

Em “Assim falou Zaratustra”, Nietzsche se refere ao ato de escrever. Ele afirma que “de todo o escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com o seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito” (NIETZSCHE, 2011, p. 57). Miroslav Milovic dialoga com Nietzsche no projeto “Direito como potência”. O conceito de corpo e potência articula a proximidade à filosofia nietzscheana.

Em consonância com o pensamento nietzscheano, podemos afirmar que Miroslav Milovic é um filósofo que escreve com sangue. Não apenas pelas marcas pessoais presentes nos textos, mas porque sua filosofia reflete o espírito e a práxis

da sua vida. O modo pelo qual Miroslav agia no mundo privado e público estava em plena sintonia com a sua filosofia. Logo, é uma qualidade da sua escrita o movimento concreto do pensar e agir em detrimento de reflexões abstratas.

Assim como os grandes filósofos, Miroslav Milovic tem um estilo próprio de escrita. Melhor dizer, estilos, no plural, pois não é fixo e não há um padrão. Cada texto possui seu brilho, autenticidade e diálogos infinitos. Sua filosofia é um labirinto. No seu rastro, estão os devires deleuzianos, afinal "para que o simulacro advenha, deve-se escrever no espaçamento entre vários estilos" (DERRIDA, 2013, p. 105).

Miroslav Milovic nos ajudou a ler o mundo. A arte da sua escrita convida também os leitores a serem livres. A ler as nuances, os talvez, as impossibilidades de sua filosofia. Os leitores têm vários caminhos a percorrer nas linhas e entrelinhas dos textos longe da exegese e do positivismo.

Em nenhum escrito de Miro o pessimismo vence, portanto sejamos herdeiros do seu entusiasmo[10], da reinvenção da vida e afirmação da resistência. Neste ensaio, tentei demonstrar que "o escritor está associado àquilo que triunfa da morte; ele ignora o provisório; é o amigo da alma, o homem do espírito, o fiador do eterno" (BLANCHOT, 2005, p. 360).

Eu morri em 11 de fevereiro de 2021 junto com meu companheiro, mas o filósofo Miroslav Milovic permanece vivo. A potência do seu pensamento resplandece além das fronteiras da Iugoslávia, da Sérvia e do Brasil. Peço aos leitores que dialoguem, escutem e leiam seus escritos, para que Miroslav Milovic, filósofo eterno, "não morra, fique no mundo."

Slava mu! [Glória a ele!]

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Otobiografias**. O ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei:** o fundamento místico da autoridade. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

[10] Cf. MILOVIC, Miroslav. **Pandemia como história**. Revista Políticas Públicas & Cidade, 2020.

FOUCAULT, M. O Que é um Autor? (1969). In: **Ditos e Escritos**, *III*: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: **Microfísica do poder**. 2.ed. Rj: Graal, 1981, p. 1-14.

MILOVIC, Miroslav. **Direito ao corpo em Nietzsche e Foucault**. Latin American Human Rights Studies, v. 1, 2021.

MILOVIC, Miroslav. **Pandemia como história**. Revista Políticas Públicas & Cidade, 2020.

MILOVIC, Miroslav. Na "casa" de Lévinas. In: **Comunidade da diferença**. Rio de Janeiro – Relume Dumará: Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

MILOVIC, Miroslav. **Contemplar para compreender, entender a si mesmo para fazer o bem**. Revista IHU online. Edição 438, 2014.

MILOVIC, Miroslav. **Arendt.** O otimismo pensando a dignidade da política. Revista IHU online. Edição 206, 2006.

MILOVIC, Miroslav. **Política do messianismo**: algumas reflexões sobre Agamben e Derrida. Cadernos De Ética E Filosofia Política, *1*(14), 2009, p. 103-121.

MILOVIC, Miroslav. **Política e metafísica**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.